

A ILLUSTRAÇÃO LUSO-BRAZILEIRA.



LISBOA: — Anno. 4\$000 réis.

Numero pago á entrega. \$090

N.º 22 — VOL. III.

Sabbado 4 de Junho de 1859.

PROVINCIAS: — FRANCO — Anno 4\$300

Ultramar e estrangeiro (moeda forte) . . . 5\$000

Summario.

ARTIGOS: — Historia da actualidade — Pontes nas ruas de grande concorrência — Milton, continuação — Os exercitos sirdo e austriaco — Embaixada portugueza aos reis de Siam, em 1859 — A quinta de Monserrate — Homero — Memorias do coração, continuação
GRAVURAS — Pontes nas ruas de grande concorrência — Monserrate — Figurinos do exercito austriaco, e do exercito sirdo.

Historia da actualidade.

Falleceu no dia 1.º do corrente o visconde de Ourem, tenente general do exercito. Havendo suspeitas de que o sinistro proviera de envenenamento, por engano do pharmaceutico que aviou a receita, procedeu-se no dia 3 do corrente á autopsia. Os peritos ainda não emitiram o seu voto, por ser preciso descer á minuciosa analyse das visceras.

— Nas casas d'asylo da infancia desvalida existiam no mez de Maio seiscentas e quatro creanças.

— Entrou no Tejo a barca hollandeza *Alcor*, a bordo da qual honve motim entre os colonos que transportava. As autoridades portuguezas deram o devido soccorro ao commandante da referida barca.

— O ajudante do pharmaceutico que aviou a receita de que se julga ter fallecido o visconde d'Ourem, desapareceu, sem por ora se ter podido descobrir a sua paragem.

— O saldo existente no dia 31 de Maio, de donativos recebidos no ministerio do reino a favor das familias necessitadas, victimas da febre amarella, era de dois contos trezentos oitenta e tres mil setenta e tres réis em metal, além de cem contos de inscrições depositadas no banco de Portugal.

— Trata-se de estabelecer um asylo para as creanças orphãs por causa d'esta epidemia no

convento de Nossa Senhora da Penha de França. — As noticias da Madeira dão satisfatorio na ilha o estado das diversas sementeiras e plantas. — A senhora infanta D. Maria Anna chegou a Dresda no dia 27 do mez passado.

— O actor Bartholini está já escripturado para a futura epoca de S. Carlos.

— As corridas de toiros que teem tido logar na praça do Campo de Sant'Anna, com os irmãos Carmonas, teem sido muito concorridas.

— Em Valencia appareceu uma guerrilha carlista, mas a autoridade perseguiu-a e apprehendeu-lhe os respectivos armamentos.

— Garibaldi alcançou triumpho n'uma pequena acção em que se empenhou com as forças austriacas; e o rei de Sardenha felicitou-o por este motivo.

— Estão em preparativos de defesa em favor da causa italiana todas as povoações do Lago Maior.

— Reina grande actividade no arsenal de Toulon.

— O boletim da acção de Montebello, na qual se empenharam as forças austriacas com as allia-

das, dá de perda aos primeiros mil duzentos noventa e cinco homens, havendo entre os feridos um general, quatro commandantes, e vinte sete officiaes.

— Espera-se que rebentem desordens nas provincias septentrionaes da Turquia; e n'este caso a Inglaterra operará energicamente no Egypto.

— Falla-se na proxima ida de Kossuth para a Hungria.

— O governo inglez prepara a organização de batalhões nacionaes.

— Em 30 do corrente mez deve reunir-se o parlamento britanico.

— O imperador dos francezes resolveu fazer entrega á Austria dos prisioneiros feridos que caíram em seu poder.

— O quartel general de Napoleão III está em Voghera.

— Os austriacos tentaram, em força de trinta mil homens, recuperar Palestro, onde tinham entrado os alliados. Foram repellidos ao cabo de nove horas de combate, e fazendo-se-lhe mil prisioneiros.

— Perderam mais os austriacos n'esta acção um general, e quatrocentos homens afogados.

— Na Toscana sufocou-se um movimento militar em favor do grã-duque.

— O general Niel entrou em Novara.

— Pavia pronunciou-se pela causa italiana.

— Os austriacos tornaram a passar o Pô por Valenza e Bassigna.

— Espera-se em breve uma batalha.



Pontes nas ruas de grande concorrência.

Se o homem reflectir na ampla vastidão dos depositos de sua memoria; na espantosa reprodução da reminiscencia; nos atrevidos vôos do pensamento; reconhecerá a existencia; e admirará a sabedoria, e grandeza do Creador.

Pontes nas ruas de grande concorrência.

A nossa gravura representa hoje um pensamento que podendo por ora tomar-se por utopia, sabe Deus se algum dia será uma idéa realzada! Assim aconteceu a muitos dos melhoramentos materiaes hoje adoptados. Se o genero humano não pára nas suas invenções, quem poderá assignar-lhe limites, e dizer d'aqui não avançarás?

Os centros das grandes populações preocupam-se ordinariamente do perigo a que estão expostos os viandantes quando atravessando d'uma para outras ruas, ou ainda de um para o outro lado da mesma rua, ficam sujeitos a serem esmagados por qualquer vehiculo. E' para obviar a taes inconvenientes que um espirituoso escriptor publico em Paris imaginou as pontes pensis que pela gravura fielmente reproduzimos, tendo primeiro debatido com a gravidade propria do espirito francez qual seria mais conveniente — se a ponte lançada assim de um para o outro lado da rua, se um tunel praticado inferiormente á calçada. Na opinião do autor a que nos reportamos a maneira porque resolveu o problema tem menos inconvenientes. Decidiu-se pelas pontes.

Imaginou portanto em cada lado da rua duas columnas, o subindo por dentro d'estas uma escada de caracol, propria para uma pessoa subir ou descer, e não muito larga, nem muito estreita, não mettendo contudo em linha de conta as saias baldões, porque ao cabo de tudo estas basilicas ambulantes não passam de ser uma moda como qualquer outra; e bem sabido é que as modas são morredouras, como todas as coisas humanas.

Por sobre as ditas columnas correrá de um para outro lado uma ponte, e por ali se dirigirão os viandantes que desejem atravessar a rua sem perigo de serem espinhados. Um dos lados, bem como as respectivas escadas, servirão para os que se dirigem, por exemplo, da direita para a esquerda; o outro para os que forem no sentido inverso. Assim ate se evita o perigo de se quebraem os narizes encontrando-se os transeuntes cara a cara.

Fica portanto determinado na mente do inventor que umas d'estas escadas servirão exclusivamente para subir, e outras para descer. Não nos diz se cada uma d'ellas terá o seu guarda, o que é de presumir, mesmo porque a necessidade de crear empregos é urgente neste seculo em que vivemos.

Tenhamos fé de que os nossos filhos se aproveitarão d'esta luminosa idéa.

Milton.

ESTUDO CRITICO POR MACAULAY.

II

Continuação.

Não é a nossa intenção entrar no exame completo da poesia de Milton: o publico já de ha muito está de accordo sobre o merito das passagens mais notaveis, e não pôe em duvida a harmonia admiravel da sua metrificacão, a excellencia de um estylo, que nenhum rival tem conseguido imitar, nenhum parodista deprimir, que encerra na sua mais alta expressão todos os poderes linguisticos do nosso idioma, idioma que as linguas antigas e modernas tem copiosamente enriquecido para o tornar bello, energico, e repassado de harmonia. Neste vasto campo de critica em que vamos entrar, são numerosos os operarios que nos precederam; porém a colheita é tão abundante que o mais negligente dos ceifeiros pode encontrar algumas espigas para recolher. (*)

Ha ainda muitos poemas menores de Milton aos quaes desejaríamos fazer algumas observações. Com prazer fariamos uma minuciosa analyse acerca d'aquella obra admiravel «O Paraizo Reconquistado» (Paradise Regained) que nunca se menciona senão como um exemplo notavel da cegueira do affecto

(1) Suprimimos no texto a critica de mr. Macaulay a diversos poemas de Milton por elles serem pouco conhecidos dos nossos leitores, apezar da reputação do grande poeta.

paternal que os homens de letras consagram aos fructos da sua intelligencia. Milton enganava-se sem duvida em preferir esta composicão excellente ao Paraizo Perdido, mas estamos certo que a superioridade do *Paraizo Perdido*, sobre o *Paraizo Reconquistado* não é mais decisiva, que a superioridade do *Paraizo Reconquistado* sobre todos os poemas que tem apparecido até hoje. Não nos é licito agora discutir a fundo este assumpto, e apressamo-nos em dar principio ao exame d'aquella grandiosa producção, que pelo assentimento geral dos criticos prima entre todas.

O unico poema de tempos modernos que se pode comparar com o *Paraizo Perdido* é a *Divina Comedia*. O assumpto de Milton assimilha-se ao de Dante, mas differe muito na execucao. Estamos convencidos que não podemos melhor desinvolvar a nossa opinião sobre o nosso grande poeta, que pelo contraste com o creador da litteratura toscana.

A poesia de Milton differe da poesia de Dante como os hieroglyphicos do Egypto differem dos hieroglyphicos do Mexico. As imagens empregadas por Dante fallam por si, e representam meramente o que são. As de Milton tem uma significação só comprehendida pelos iniciados. Ella depende menos dos objectos que directamente representa, que dos que remotamente nos suggere ao espirito. Por muito extravagante ou grotesca que seja a appareição que Dante nos quer descrever não nos dissimula nenhuma das suas feições. Reproduz-nos a forma, a cor, o som, o cheiro, o gosto, conta os numeros, mede a estatura. As suas analogias são como as de um viajante. Afastando-se do systema dos outros poetas, sobre tudo de Milton, apresenta as suas comparações não attendendo á sua belleza ou ao ornamento da sua poesia, mas simplesmente para que a sua idéa seja comprehendida pelo leitor com a mesma clareza com que elle proprio a concebe. As ruinas do precipicio que conduzem do sexto para o setimo circulo do inferno assimilham-se ao rochedo que caiu no Adige para o sul de Trento. A cataracta de Phlegelhon é semelhante á da Aqua Cheta no mosteiro de S. Benedicto. O lugar onde os hereses estão encerrados nos seus tumulos de fogo ao vasto cemiterio da cidade de Arles.

Agora vamos comparar com as descripções minuciosas de Dante, as vagas imagens de Milton. Citaremos alguns exemplos. O poeta inglez não nos dá a estatura exacta de Satanaz. Dá-nos a idéa mysteriosa de um vasto e incommensuravel vulto. N'outra parte vemos o anjo das trevas que jaz estendido, cobrindo com o corpo muitas braças, não menos gigantesco que os inimigos terrestres de Jupiter ou como o monstro marinho que é tomado pelos navegantes por uma ilha. Quando se prepara para a batalha, levanta-se alteroso e como o pico de Teneriffe ou como o Atlas e a sua cabeça toca na abobada dos ceos. Podemos apresentar como constraste a estas descripções as linhas aonde Dante descreve o espectro gigantesco de Nemrod. «A sua face figura-se-me tão comprida e larga como a bola do zimbório da cathedral em Roma, e os seus outros membros eram na mesma proporção; apezar da ribanceira que o encobria da cintura para baixo, ainda deixava perceber tamanha altura que tres altos alemães em pé uns em cima dos outros teriam tentado em vão tocar-lhe nos cabellos.» Bem sabemos que na nossa versão não fazemos justiça ao admiravel estylo do poeta florentino, mas não temos á mão a traducção de mr. Lasy, e a nossa ainda que rude é sufficiente para revelar a nossa idéa.

Faremos mais uma comparação entre o *Lasarehouse* no decimo primeiro canto de Milton, com a ultima estancia de soffrimento do Mabebolge no Dante. Milton evita todos os promeneiros repugnantes; e usa só de imagens indistinctas mas solemnes e terribes. «O desespero penando de leito em leito escarnecendo dos infelizes com os seus desvelos. A morte ameaçando-os com a sua foice, mas em despeito dos rogos recusando-se a exterminal-os!» Como se explica o Dante? «Ouviram-se taes gemidos e lamentações que só se poderiam comparar ás que todos os doentes que existem, entre Julho e Setembro, nos hospitaes de Valdichiana, e os dos pantanos da Toscana, e do da Sardenha poderiam ar-

rancar do peito junto n'uma mesma covra: e havia um cheiro tal como o de corpos em putrefacção»

Não tomaremos sobre nós a injusta tarefa de decidir da superioridade de dois escriptores d'esta ordem. Cada qual na sua esphera não tem rival, e cada um adoptou um assumpto que melhor podesse fazer realçar o seu talento. A Divina Comedia é a narrativa de uma pessoa. Dante testemunha presencal de tudo que elle nos conta. E' elle que ouve os espiritos attribulados pedindo uma segunda morte. E' elle quem lê a terrivel inscripção na porta em cujo recinto morre a esperanza, quem esconde o rosto dos terrores de Meduza, quem foge dos ganchos e do alcatrão ardente de Barbariccia e de Draghignazzo. São as suas proprias mãos que apalpa o tremendo vulto de Lucifer, e os seus pés que sobem a montanha da expiação. E' a sua propria frente que o anjo purificador marca.

O leitor despresaria de certo um tal conto, se não fosse escripto com um grande ar de verdade, com uma sobriedade nos seus horrores, com a maior exactidão, e abundancia nos promeneiros. A lenda de Milton differe da do Dante, como as aventuras de Amadis, das de Gulliver. O autor d'Amadis teria tornado ridiculo o seu livro se lhe tivesse introduzido as relações minuciosas que dão todo o encanto á obra de Swift, as observações nauticas, a delicadeza affectada sobre os nomes, os documentos officiaes apresentados por extenso, todas as intrigas e escandalos da corte, que de nada vieram e que em nada se tornam. Não nos produz uma impressão desagradavel o contar-nos que um homem que viveu ninguem sabe quando nem aonde visse muitas coisas extraordinarias, e podemos entregarmo-nos á illusão do romance. Mas quando Samuel Gulliver cirurgião, residente em Rotherhilhe, nos falla de pigmeus e gigantes, de ilhas suspensas, de cavallos philosophos, é só por uma verosimilhança minuciosa que nos pode captivar por um momento a imaginação.

De todos os poetas que tem introduzido nas suas obras agentes sobrenaturaes, é Milton o que o tem feito com melhor successo. N'este ponto o Dante lhe é incontestavelmente inferior, e como sobre este assumpto se tem emitido muitas temerarias e inconsideradas opiniões, sentimos o maior prazer em sermos um pouco mais extensos tratando d'esta questão. Milton tem sido muitas vezes censurado por attribuir aos seus espiritos funcções de que seriam incapazes os espiritos. Mas estas objecções ainda que mereceram o apoio de muitos nomes eminentes, tem por fundamento, atrevemo-nos a dizer, a mais profunda ignorancia da arte poetica.

O que vem a ser espirito? O que é a nossa propria intelligencia, essa porção de espirito de que temos maior conhecimento? Observamos certos phenomenos. Não podemos explical-os por causas materiaes. D'ahi concluiremos que existe alguma que não é material. Mas d'esse alguma coisa não temos nenhuma idéa. Podemos só defini-la por negação. Podemos raciocinar sobre ella só por analogias. Servimo-nos da palavra; mas não temos nenhuma imagem do que é; e é com imagens que brilha o poeta e não com palavras. O poeta usa de palavras é verdade, mas são meramente os instrumentos da sua arte, e não o seu fim. São os materiaes de que elle dispõe para formar um quadro á imaginação. Se não consegue assim dispor-as, não merece a sua obra o titulo de poema mais de que uma tela e umas tintas merecem o nome de pintura.

Podem os logicos raciocinar sobre abstracções, mas o commum dos homens deseja imagens. A grande tendencia das multidões para a idolatria não se pode explicar por outro principio. Ha razão para se suppôr que os primeiros habitantes da Grecia adoravam um Deus invisivel. Porém a necessidade de definir o objecto que adoravam, produziu essa innumeravel multidão de deuses e deusas. Os antigos persas julgaram impio definir o Creador por uma forma humana, mas elles mesmos transferiram ao sol o culto que em theoria era devido unicamente á suprema intelligencia. A historia do povo de Judah é uma luta incessante entre o deismo puro, ainda que sustentado por terribes recordação, e o desejo por extremo fascinador de ter um objecto de adoração conhecido e visivel. Talvez nenhuma das causas secundarias a que Gibbon attri-

bue a rapidez com que se espalhou o christianismo, em quanto o judaismo nunca adquiriu um proselyto, tivessem tanta força como este sentimento. O Deus, incomprehensivel, e invisivel, atrahia poucos adoradores. Um philosopho podia admirar a nobreza de tal concepção; mas as multidões desprezavam palavras que não eram representadas por nenhuma imagem na sua mente. Foi perante a Divindade incorporada na forma humana, passeiando entre os homens, enfermo como elles, apoiando-se no seu seio, derramando lagrimas sobre seus sepulchros, dormindo na mangedoura, e expirando na cruz, que os preconceitos da synagoga, as duvidas da academia, o orgulho do portico, e as fachas dos lictores se prostraram com humildade. Logo que o christianismo obteve o seu triumpho no mesmo principio que o facilitara começou a sua corrupção. Tornava-se em novo paganismo. Santas padroeiras vieram preencher os logares dos deuses. S. George substituiu Marte. Santo Elmo consolava o marinheiro pela perda de Castor e Pollux. A Virgem Mãe e Santa Cecilia succederam a Venus e às musas. As fascinações do sexo e da belleza, se reuniram outra vez a celeste dignidade; e a homenagem do espirito cavalleiroso se misturaram com a religião. Os reformadores tem luctado contra este sentimento, mas nunca conseguiram mais de que um successo incompleto e apparente. Os homens que destruíram as imagens das cathedraes, não poderam destruir as que eslavam consagradas nas imaginações. Não seria muito difficil provar que o mesmo succede á politica; é necessario incorporar as theorias primeiro que possam excitar o enthusiasmo publico. As multidões interessam-se com maior facilidade pelo mais frivolo symbolo, ou pelo nome mais insignificante do que pelo mais elevado principio.

Continua. LOPES DE MENDOÇA.

Os exercitos sardo e austriaco.

Das tres grandes potencias que subiram á scena no theatro da guerra, os exercitos de duas d'ellas — Italia e Austria—são bem pouco conhecidos entre nós. Tendo colhido algumas informações a respeito d'elles, vamos apresental-as aos nossos leitores, a quem não deixarão de ser agradaveis.

A Austria, contendo numerosa população, está no caso de levantar um poderoso exercito. Em tempo de paz as suas forças elevam-se a quatrocentos mil homens. Presentemente o seu exercito está assim organizado: a infantaria composta de trezentos e cincoenta mil homens; os *jagers* ou caçadores, trinta e dois mil homens; o corpo da fronteira, que sobe a cincoenta mil homens. Este ultimo, creado no reinado de Maria Thereza, tem unicamente a restricta obrigação de formar a guarnição e defender as fronteiras. A infantaria compõe-se de sessenta e dois regimentos, tendo cada um cinco mil novecentos sessenta e quatro homens, cujo fardamento é casaco curto, como o que usa a nossa tropa, branco, sendo o peitilho de cor distinctiva do regimento, calça branca, com listas da cor do peitilho. A infantaria hungara difere na calça, que é estreita, entrando a parte inferior no canhão do botim. As barretinas são de panno preto, com a copa baixa, e palla ponteguda. Os melhores atiradores austriacos, que formam, por assim dizer, a tropa escolhida, são os naturaes dos districtos montanhosos, taes como os Alpes, Styrios, os Carpathos, etc. Podem-se collocar apar dos das outras nações, pela boa disciplina e rapidez no fogo, devidas ao continuo exercicio e pratica. O uniforme d'estes é casaco pardo, calças verdes com lista, chapeo de pello baixo com a aba um pouco voltada, e uma pluma ao lado.

A cavallaria pesada conta quarenta e oito esquadões de couraceiros, e quarenta e oito de dragões, ao todo dezenove mil duzentos e sessenta e quatro homens, e dezesseis mil e quatrocentos cavallos. Vestem casacos brancos, calções pardos, cobertos de coiro até ao joelho. Os couraceiros usam uma couraça de ferro preto polido. Divide-se a cavallaria ligeira em lanceiros e hussards: os primeiros constam de doze regimentos com mil oitocentos e oito homens e mil e seiscentos cavallos cada um, ao todo vinte um mil seiscentos noventa e seis sol-

dados. O seu fardamento é casaco curto verde escuro, com gola encarnada e peitilho ricamente ornado de cordões e agulhetas; dragonas; as barretinas são chatas á polaca com uma borla na frente, e as lanças enfeitadas de bandeirolas pretas e amarellas. Ha doze regimentos de hussards apresentando ao todo vinte mil seiscentos noventa e seis homens. Nota-se a differença de usarem, em vez da jaqueta antiga, casaco curto conservando ainda a *pelisse* ao hombro. Sob a sessenta e sete mil homens a cavallaria ligeira e pesada. A artilharia compõe-se de seis mil homens, com mil e trezentas peças, e vinte baterias de foguetes; a farda é branca com canhão escarlata e peitilho da mesma cor, calça azul clara, e chapeo de pello com a aba voltada presa por uma borla preta e amarella. O corpo de engenheiros tem mil e cem homens: veste farda azul-loia com peitilho carmesim, e chapeos redondos d'abas largas com uma d'ellas presa.

O exercito sardo é notavel por ser um dos mais disciplinados de toda a Europa. Em tempo de paz compõe-se de setenta mil homens, e quando o reino seja ameaçado pode rapidamente elevar-se a cento e vinte mil homens, dividido em vinte regimentos d'infanteria, dez de *bersaglieri* ou caçadores, nove de cavallaria, dezoito baterias d'artilharia de campanha com oito peças cada uma, doze baterias de posição, um corpo de engenheiros, um *transporte* de terra e um corpo de *commissario*. Os carabinieri reaes ou *gendarmes* marcham em caso de guerra com as tropas. Os uniformes são uma mistura dos francezes e dos alemães. Os *bersaglieri* tem fardas lindas e pittorescas; usam chapeo de abas largas de copa espherica, coberta de coiro de polimento adornado de compridas plumas. A cavallaria, admiravel pela destreza de seus movimentos, divide-se em lanceiros e dragões. A outra tropa é igual á do resto da Europa. A lealdade, simplicidade, e devoção nacional são caracteristicos do soldado italiano.

F. E. PAYANT.

Embaixada portugueza aos reis de Siam, em 1859.

No dia 20 de Janeiro do corrente anno entrou no porto de Bangkok o brigue de guerra *Mondego*, commandado pelo primeiro-tenente da armada José Severo Tavares, e levando a seu bordo o capitão de-mar-e-guerra Isidoro Francisco Guimarães, governador de Macau, encarregado de uma missão extraordinaria junto á corte de Siam por el-rei de Portugal.

Entrando o rio no dia 23, fundeu em Pak-nam o brigue *Mondego*, e salvou á terra, sendo correspondido pela artilharia das fortalezas que guardam aquelle ponto. Veiu logo a bordo o ministro dos negocios estrangeiros, Phna-Klan, visitar o embaixador portuguez; e depois dos cumprimentos do estylo, seguiu de novo o brigue, a reboque de um vapor de el-rei de Siam, até defronte da cidade, perto da casa destinada para residencia do emissario, ao lado de uma barraca, que, por vergonha nossa, serve de casa do consulado portuguez.

Os obsequios ao representante de sua magestade fidelissima repetiram-se todos os dias da sua estada em Bangkok. Veiu visital-o o principe Kromelaon, terceiro do reino; o ministro do interior, Phna-kalaon, e outros magnates, antes mesmo de elle assentar a sua residencia em terra.

A casa que destinaram ao senhor Guimarães era vasta, soffrivelmente mobilada, e servida por um cento de siamezes, homens da raça mongole, com dentes negros e lingua bi-furcada (*karak-ian*).

Os officiaes tambem foram alojados na mesma casa, e mantidos com esplendor real na corte de Bangkok, ou cidade das Oliveiras selvagens, parte da grande povoação de *Krung-thepa-mahanakhou*, que quer dizer: cidade real dos anjos, bella e inexpugnavel. A comida era servida á europea, tanto ali como nos palacios dos primeiros potentados.

Os dias 24 e 25 destinaram os portuguezes a pagar as visitas aos principes e ministros que os tinham vindo cumprimentar. Estes personagens procuram imitar os usos da Europa, porém ain-

da não adoptaram a nossa moda de andar calçados.

A 27 teve lugar a audiencia regia para a entrega de uma carta de el-rei D. Pedro v. O primeiro monarcha de Siam (todos sabem que ali ha dois reis, com corte e exercito separados) recebeu o nosso embaixador com toda a pompa dos estylos siamezes.

Quarenta galeotas formavam o sequito maritimo d'um andor, aonde ia a corte do rei portuguez, conduzida á margem do rio com grande apparato, e rodeiada de musicos, dos estandartes das *Cem batalhas*, esquadões de alabardeiros, e palanquins aonde iam recostados mollemente os nossos officiaes de marinha. No caes estava postado um par de artilharia, que salvou ao desembarque da carta, e d'ahi até ao palacio formavam alas dois a tres mil soldados do exercito real de Siam, dos quaes oitocentos manobravam perfeitamente sob o commando de um official francez, e vestidos como a infantaria ingleza.

A força militar d'este reino conta, além dos soldados instruidos por habéis officiaes europeus, batalhões de mulheres armadas com espingardas *mi-nié*, cujos officiaes são velhas donas, e a este corpo esta exclusivamente confiada a guarda dos paços reaes. A testemunha ocular que nos transmite estes apontamentos exalta a belleza das tocadoras de pifaro e de tambor n'esta legião de amazonas.

A sala de recepção dá idéa de um grande templo; o primeiro rei apparece ali dentro de um nicho de filagrana e pedraria sobre throno de ouro e marfim. Por occasião da entrega da carta regia pronunciaram-se de parte a parte longos discursos, houve salva, depois banquete, comedia e dança desempenhadas pelas concubinas do palacio, aonde ao contrario do que succedia antigamente nos nossos theatros, são as mulheres que representam os papeis de homem.

No dia 28 do mesmo mez de Janeiro teve lugar a entrega das credenciaes do plenipotenciario portuguez, e começou a redacção de um tratado de commercio entre os dois paizes, representado um pelo nosso enviado, e o outro por seis commissarios siamezes. Concluiu-se e assignou-se a 10 de Fevereiro.

A 12 d'este ultimo mez foram os portuguezes recebidos pelo segundo rei, homem de muita intelligencia, e que falla perfeitamente o idioma inglez. O seu exercito é ainda mais bem organizado do que o do primeiro rei, e a sua marinha, que já tem vapores construidos em Siam, está tambem em melhor pé do que a outra; o uniforme dos officiaes da armada do segundo rei é mais elegante do que o francez ou portuguez.

Lindas mulheres patrullham armadas pelos jardins d'estes dois soberanos, e guardam as portas de seus palacios, diante dos quaes estacionam elephantes armados em guerra, cercados dos antigos frecheiros e alabardeiros.

No dia 13 veiu o segundo rei no seu elegante vapor *Robi* a bordo do *Mondego* pagar a visita do ministro e officiaes portuguezes.

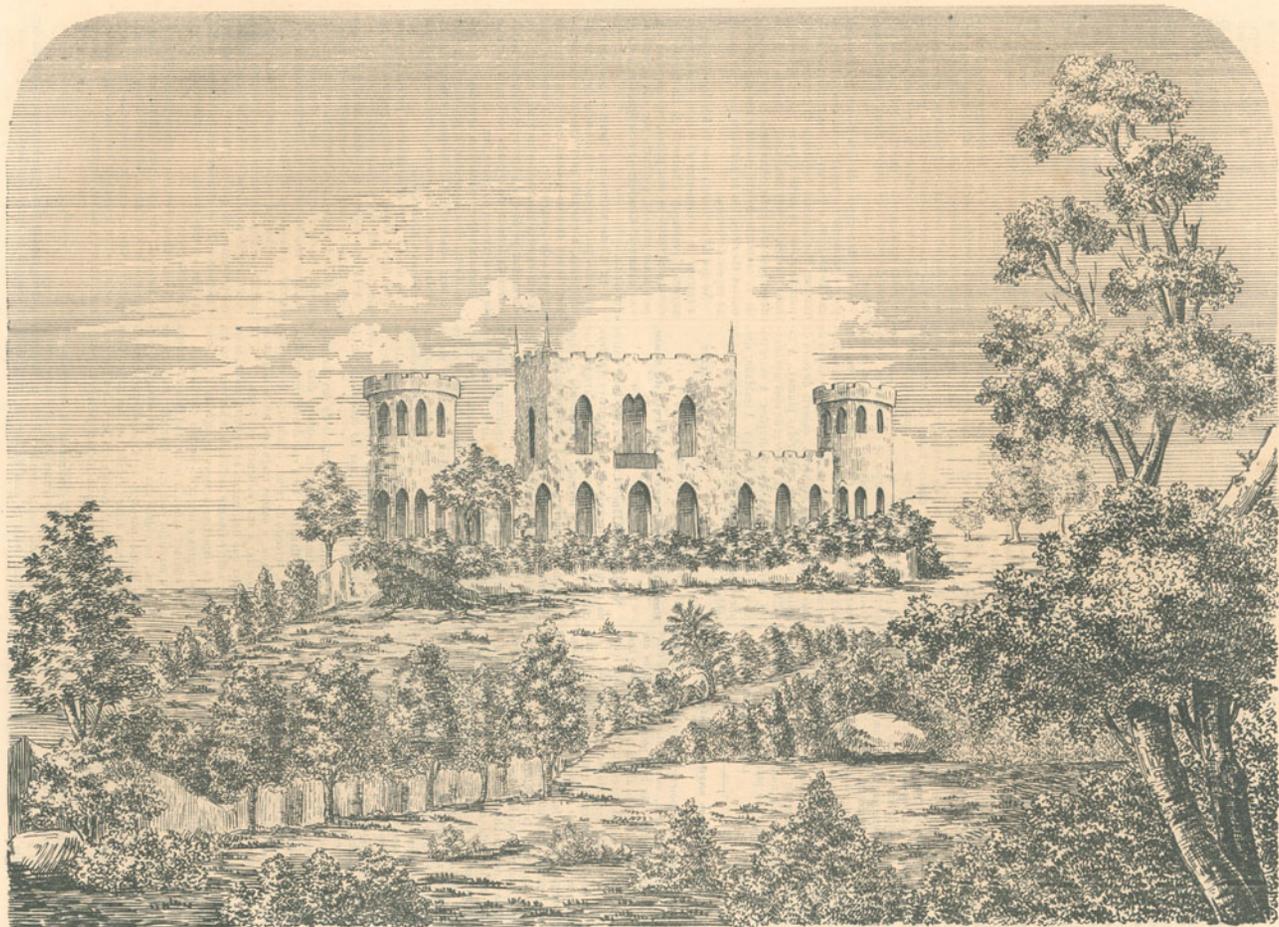
A 14 teve lugar a despedida solemne do nosso embaixador no palacio de *Somdet-Phna-Paramender-Maha-Mongkut*, primeiro rei magnifico de Siam, do qual recebeu uma carta para el-rei de Portugal, que saiu do palacio em procissão como havia entrado a do senhor D. Pedro v.

O monarcha poz no peito do senhor Isidoro Guimarães um rico broche de ouro e pedraria, com a condecoração do *Elefante*, e fez-lhe alguns valiosos presentes, no que foi imitado pelo segundo rei e ministros. Já se entende que todos estes senhores haviam sido presenteados primeiro pela legação portugueza.

No dia 19 de Fevereiro saiu o brigue *Mondego* de Bangkok, chegando com feliz viagem a Singapura no dia 8 de Março, d'onde o nosso emissario voltará á China, e provavelmente ao Japão, para concluir outro tratado de commercio com o soberano d'aquelle famoso imperio.

F. M. B.

A ingratição tem tal poder, que chega a mudar a tempera ás almas beneficicas.



Quinta do Monserrate.



Soldados de linha.

Hussard.

Tropas Austriacas.

Volontarios.

Officiaes e infantaria hungara.



Cavalleria ligeira. Dª Genoveza.

Sapador.

Tropas Sardas. Bersaglieri.

Cassador.

Carabineiro real. Attªs de Saboya

A quinta de Monserrate.

O mundo, com todas as suas galas, vae a passos lentos apagando os traços que o cinzel exarara com simplicidade e belleza. O artificio, adulterando a natureza, esconde a rusticidade e a elegancia pondo em seu lugar obras informes, e sem gosto.

Fallam com admiración os viajantes das scenas que se passam nos Alpes, quando a natureza irada parece desencadear o furor dos elementos! Entre nós não temos essas scenas ao mesmo tempo sublimes e pavorosas; mas, em compensação, possuímos a natureza amena e risonha, que espargiu aqui com sollicita mão os seus dons mais escolhidos. N'essas serras alcatifadas de flores mimosas, não temos o acanhado arbusto que torce e geme à furia do tufão. Vegeta nas faldas o annoso carvalho, que orna esses bosques cerrados onde a folhagem se baloça ao brando sopro do zephyro; e tudo respira, tudo vive, tudo louva o seu principio. São estas as bellezas communs: olhem para

Cintra amena estancia
Throno da vicejante primavera.
Garrett — Camões. v.

onde se reúnem todas as bellezas naturaes, e surge, do meio d'ellas, o eden da Estremadura.

A quinta de Monserrate está assentada sobre uma pequena collina nas faldas da Serra da Lua. Os olhos deleitam-se espalhando-se por essas veigas immensas até encontrarem o mar que banha as nossas costas. Aqui os olmeiros frondosos entresachados de rochedos desconformes, ali as ruínas do antigo palacio, etc., inspiraram mais de uma canção a nomes immortaes na poesia. Foi este cantinho o unico de Portugal que Byron admirou; falla d'elle de singular maneira no seu poema *Childe Harold*.

Quem não se enlevará observando essa rusticidade campestre combinada com a elegancia e sumptuosidade; os immensos tapetes de relva como que estendidos por mãos de fadas, sementes de rubis e perolas; essas flores delicadas disputando a primazia de florirem constantemente; esses arbustos vestindo-se de galas primorosas saudando a aurora ao seu despontar; os suaves trinos de mil aves desafiando a melodia dos mansos ribeiros que mansamente se deslisam formando engraçadas cascatas, por entre espessos bosques, que entrelaçando os toscos ramos formam grinaldas e tropheos, tolhendo a entrada aos raios dardejantes do sol! Tal é o quadro que se apresenta aos olhos do admirador.

A historia de Monserrate é longa, e occupar-nos-hia um extenso capitulo. Da sua origem corre uma tradição curiosa. Quando uma parte de Portugal era ainda possuída pelos sarracenos, e as hostes d'estes começavam a vacillar diante dos conquistadores cavalleiros do grande Alfonso, vivia na quinta da Bella Vista (Monserrate) certo fidalgo christão, que por desintelligencias com o arrogaute arabe, governador da contigua povoação moirisca, sita no castello (hoje conhecido pelo nome de castello dos Moiros) se bateu com elle em duello no alto da quinta. Depois de renhida lucta, caiu banhado em sangue o cavalleiro christão, expirando em seguida. Em memoria do successo, ergueuse no sitio do duello uma ermida dedicada à Senhora de Monserrate (*).

No seculo vi era este chão pertencente ao hospital de S. José da cidade de Lisboa, e por elle aforado. Muito depois veio a ser seu possuidor D. Caetano de Mello e Castro, vice-rei dos estados da India, casado com D. Marianna de Faro, da casa dos condes da ilha do Principe, vinculando elle esta propriedade por testamento em 1718. Por seu fallecimento passou a seu filho D. Antonio de Mello e Castro, que foi victima do fatal terremoto de 1755. Não tendo descendentes, succedeu-lhe seu segundo irmão; e assim successivamente até que veio a cair a posse em D. Francisca Xavier Marianna de Faro e Mello, viuva de D. Lopo José d'Almeida Pimentel, residente em Goa.

A 10 de Julho de 1790 foi a propriedade arrendada a Gerard de Vime, descendente da antiga e nobre familia dos De Vime, negociante inglez da

praça de Lisboa, de conhecida probidade e de genio particular para a agricultura. Elle pretendia não só arrendar a dita quinta por longo praso, por ser aquelle o sitio mais semelhante à sua patria, e por isso o mais conveniente à sua saude, e para descansar das fadigas do commercio; mas tambem queria restabelecer a mesma quinta, augmentando os seus pomares, e reedificando as casas da mesma quinta, as quaes pelo terremoto do primeiro de Novembro de 1755 padeceram ruina; e finalmente fazer as mais officinas de que precisa uma habitação; fechando a propriedade que era toda aberta com grande prejuizo da sua cultura.

De Vime demoliu a antiga capella e casas terreas, dando começo ao palacio, que depois Beckford reformou, e cujas ruinas representa a nossa estampa.

Na escriptura do arrendamento ha curiosas clausulas que o pouco espaço de que dispomos nos não permite transcrever. Fallecendo De Vime em Londres, sem filhos, antes de ter completado os nove annos de arrendamento, passou o uso e fructo d'esta propriedade, pelo restante tempo a Francisco José d'Oliveira, o qual tomou posse a 14 d'Abril de 1798, em nome de seus filhos menores, afilhados do dito De Vime. Mais tarde passou a propriedade para Beckford, bem conhecido e opulento litterato inglez, o qual, cansado de pisar loiros na patria, veio cultural-os para a quinta de Monserrate. Depois d'este tem estado arrendada a varias pessoas, e pelo mau tratamento, e decurso de tempo arruinou-se completamente, jazendo assim até que foi subrogada por seu dono, o menor D. Luiz Caetano de Castro e Almeida Pimentel de Sequeira e Abreu, com adherencia do conselho de familia e de sua mãe e tutora a ex.^{ma} senhora D. Veridiana Constança Leite de Castro Pestana, ao actual possuidor o ill.^{mo} senhor Francisco Cook.

Este, como homem de gosto, não olha a despezas para que tanto o palacio, que começa a surgir de um montão de ruinas, como a quinta apresentem magnificencia e belleza. Desde que elle está de posse, o passeante que de Cintra vae a Colares, observa a mudança que ahi se tem operado. Tanto que a casa esteja concluída, o que provavelmente terá lugar em dois annos, será esta em seu genero a unica de Portugal ou talvez da Europa.

A profusão de marmores, columnas, e cantarias habilmente trabalhada, maravilha; é, pode-se dizer, o principal material empregado na sua construção. Fabulosas sommas ahi se tem empregado e continuarão a empregar.

Suas magestades, principalmente el-rei o senhor D. Fernando, fazem d'este sitio um passeio favorito. Estrangeiros e nacionaes, que visitam Cintra, não deixam d'ir admirar este eden! O senhor Cook não impede que a sua propriedade seja visitada, antes pelo contrario são innumeradas as pessoas que todos os annos concorrem a admirar-a.

Annexa à quinta, possui o mesmo senhor uma propriedade denominada do Espirito Santo, que é um verdadeiro modelo de lavoura.

F. E. PAYANT.

Homero.

ENSAIOS CRITICOS SOBRE A POESIA EPICA POR VOLTAIRE.

Ao que parece viveu este celebre poeta cêrca de 850 annos antes da era de Christo, e foi sem questão contemporaneo de Hesiodo. Segundo este, é certo que Homero floresceu duas gerações depois da guerra de Troya. Assim, é muito provavel, que tivesse visto muitos anciãos que houvessem assistido a este cêrca, e fallado a muitos gregos da Europa e da Asia contemporaneos de Ulysses, Menelao e Achilles.

Compondo pois a *Ilyada* (suppondo que elle seja o autor de todo o poema) Homero não fez mais do que narrar em verso grande parte da historia e das fabulas do seu tempo.

N'aquella epoca os historiadores e theologos da Grecia eram os poetas. Foi só quatrocentos annos depois de Hesiodo que os gregos começaram a escrever a sua historia em prosa. Este uso, a deverá por certo parecer ridiculo a grande parte dos leitores, era então muito racional: um livro n'a-

quelles tempos era tão raro, como hoje o é um livro bom: em vez de se dar ao publico a historia *in folio* de cada aldeia como actualmente se faz, só eram transmitidos á posteridade os grandes acontecimentos que tinham jus a occupal-a. O culto dos deuses e as chronicas dos grandes homens formavam os unicos assumptos d'este limitado numero de escriptos.

Pelo que respeita a Homero, são tão conhecidas as suas obras, quanto a sua vida é ignorada. Sabese apenas, como verdadeiro, que muito tempo depois da sua morte lhe erigiram estatuas, e levantaram templos em sua memoria; sete cidades disputaram a honra de lhe terem dado o berço; mas, se formos com a opinião commum, teremos de dizer, que durante a sua vida mendigara n'essas sete cidades o sustento; e que, aquelle de quem a posteridade fez quasi um deus, viveu sempre desprezado e desprezível — duas coisas compatíveis.

A *Ilyada*, que é a sua obra prima, está toda recheada de deuses e de combates, pouco verosímeis.

Estes assumptos agradam geralmente aos homens apaixonados pelo phantastico e terrível: homens que com propriedade se podem comparar ás creanças que folgam ouvindo certos contos de fadas e de papões, apezar d'estes os fazerem estremeecer e horripillar. Ha fabulas para todas as edades, e não existe nação alguma, cuja historia d'ellas não esteja evitada.

D'estes dois assumptos de que Homero se serviu para compôr o seu poema, provém as duas grandes censuras que lhe fazem, em que lhe imputam em primeiro lugar a extravagancia dos seus deuses, e em segundo a rudeza dos seus heroes; o que equivale a censurar um pintor por ter revestido as figuras de um quadro com os trajos do seu tempo. Homero descreveu os deuses taes quaes elles eram afigurados no espirito dos seus contemporaneos, e os homens como na realidade eram na epoca em que viveu. Não é necessario possuir um espirito muito atilado para se conhecerem os absurdos da theologia pagã; mas tambem é facto que mostra muita falta de gosto quem não admira como deve algumas das fabulas de Homero. Se a idea das tres Graças acompanhando sempre a deusa da belleza, se o cinto de Venus são invenção sua, quantos elogios lhe não cabem por haver assim ornado uma religião que nós censuramos? E se estas fabulas eram já conhecidas antes d'elle, poder-se-ha porventura votar ao desprezo um seculo que tinha achado allegorias tão expressivas e agradáveis?

Quanto ao que se classifica de rudeza, ou brutalidade nos heroes de Homero, muitos se rirão por certo ao ver Patrocles, no nono livro da *Ilyada* metter tres pernas de carneiro em uma marmitta, acender e atear o fogo e preparar elle mesmo a comida de camaradagem com Achilles; mas nem por isso estes dois heroes são menos dignos de admiración. Carlos XII rei da Suecia cozinhou durante o espaço de seis mezes a sua comida em Demir Tocca, sem por isto perder nada do conceito de heroe em que era tido: os nossos generaes de hoje rodeiados em um campo de luxo fatuo, mais proprio de côrte afeminada, só difficilmente poderão hontrebrear com aquelles de que falla Homero, que não se pejavam de cozinhar a sua refeição. Alguem escarnerá tambem da princeza Nausica, que seguida de todas as suas aias vae por suas proprias mãos lavar a sua roupa, a do rei e da rainha: tambem hão de taxar de ridiculo que as filhas de Augusto tivessem fiado os vestidos de seu pae, sendo elle senhor de metade do universo: e contudo esta simplicidade tão respeitavel, temos para nós que deve valer muito mais do que a vã pompa, a indolencia e a ociosidade, que formam hoje o apanagio das pessoas de alta jerarchia.

O celebre poeta é tambem arguido por ter exaltado em demazia a força dos heroes que cantou; mas é que antes da invenção da polvora, era a força do corpo que fazia decidir da sorte dos combates: é que esta força era no homem a origem de todo o poder; é, finalmente, por esta unica superioridade que as nações do norte conquistaram um novo hemispherio desde a China até ao monte Atlas. Para os antigos o ser robusto passava por uma gloria; as suas distrações consistiam pela maior parte em

(*) Existe ainda esta antiqüissima imagem.

exercícios violentos, luctas e gymnasticas, e não passavam os dias fazendo-se transportar em carros, a coberto das vicissitudes da atmosphera, levando consigo de uma parte para a outra o tédio, a inercia e a sensaboria. Em uma palavra, Homero tinha de representar um Ajax e um Heitor, e não um cortesão de Versailles ou de Saint-James.

Depois de haver feito justiça ao fundo do assumpto dos poemas de Homero, não viria talvez fora de proposito o examinar a maneira porque este poeta os tratou; e de apreciar, se é possível, devidamente as suas obras; mas a materia achava-se já tão esgotada por tantas pennas eruditas, que nos limitaremos aqui a uma unica reflexão de que talvez possam tirar algum proveito aquellos que se applicam ao estudo das bellas-lettas.

Se a Homero elevaram tempos, não deixou contudo de haver muito quem escarnecesse da sua divindade. Houve em todas as epochas, muitos sábios e paladores, que o tiveram em conta d'escritor mesquinho, em quanto que outros se prostravam ante o seu talento. Este pae da poesia tem sido ha tempo o assumpto de grandes questões litterarias na França. Perrault encetou a discussão contra Despreaux, mas serviu-se n'este combate de armas muito desiguas: — Paralello entre os antigos e os modernos — na qual se nota um espirito assaz superficial, nenhum methodo, e grandes erros. O temível Despreaux conseguiu abater o seu adversario n'esta lucta, por meio de uma simples analyse aos seus erros; vindo por fim a acabar a contenda rindo-se todos á custa de Perrault, sem que elles houvessem encetado sequer o fundo da questão. Houdart de la Motte ventillou de novo esta materia, e ainda que não sabia a lingua grega, o espirito suppriu-lhe tanto quanto possível esta falta de conhecimento. Poucas obras ha escriptas com tanta arte, discernimento e finura, como o são as dissertações d'este critico sobre Homero. Mad. Dacier, tão celebre pela sua erudição digna de ser admirada em um homem, sustentou a causa de Homero, com o enthusiasmo proprio de um commentador. Podia dizer-se que a obra de mr. de la Motte era saída do punho d'uma mulher de espirito, em quanto que a de madame Dacier parecia devida ao engenho d'um grande sabio; e isto, porque um, totalmente estranho á lingua grega, era-lhe impossivel conhecer as bellezas do autor que atacava; e a outra, vivamente animada pela superstição dos commentadores, era incapaz de conhecer os defeitos do poeta que adorava.

Continua.

Memorias do coração.

ROMANCE-HISTORIA.

Continuação.

XVI.

Alguns mezes depois teve lugar o casamento de Elisa. Foi em casa d'ella que Eduardo, em virtude de uma carta inesperada, teve o prazer de encontrar Maria que lhe escrevia sempre quando elle menos o esperava. *Mettia-lhe sustos!*

«Terça-feira vou passar a noite a casa de Elisa; não vaes? Tinha tanto gosto de lá te ver...»

Eduardo condescendeu; mas essa noite foi uma das peiores que passou, em relação ao soffrimento moral que o affligia todas as vezes que se achava entre D. Julia e Maria. As suas mais profundas affeições estavam verdadeiramente representadas n'aquellas duas mulheres. O principio da sua existencia residia n'uma, o da afflicção d'essa existencia, na outra.

Eduardo sentiu-se mais uma vez feliz ao abraçar, em uma polka, a fragil e delicada cintura de Maria. Via proximo de si aquellas abundantes tranças de cabelo tão negro e tão fino; aquella fronte pallida e intelligente que pensava n'elle; mas o olhar desconfiado e severo de D. Julia esmagava-o, ali, aonde tão feliz se considerava! Aquella mulher, vestida de preto, era a nuvem triste que passava pelo seu horizonte de felicidade, ameaçando esse dia radiante que o terno olhar de Maria lhe

espalhava n'alma. E Eduardo era mais infeliz do que ninguém! Ha pessoas que só no fundo do caliz encontram as fezes: elle achava-as logo á superficie, e tinha de soffrel-as para gozar tão rapidos momentos de ventura! D. Julia comprazia-se em olhar para elle porque o odiava! E Eduardo pensava na viva commoção que devia experimentar se lhe fosse possível, sem inconveniencia, apertar-lhe e beijar-lhe a mão; dizer-lhe que a respeitava; que a adorava; que, no sacrario das suas affeições, lhe dera um dos primeiros logares; que todo o seu orgulho consistiria em pensar que ella sabia apreciar esta affeição profunda, mais verdadeira do que nenhuma outra!

Era todavia necessario soffrer o odio d'essa mulher.

—Odeia-me! pensava elle com triste orgulho; ao menos mereço-lhe odio! Os extremos tocam-se: de um ao outro passa-se com facilidade... em todo o caso, odiar uma pessoa não é tel-a constantemente no pensamento e no coração? Ainda por semelhante prego... coisidero-me feliz em saber que existe no seu pensamento!

Assim procurava Eduardo illudir o soffrimento. Houve quem fizesse espirito sobre a posição d'elle, em presença de Violante *que o banira do coração de Maria.*

Eduardo sentiu ferido o seu amor proprio, e foi pedir a Violante para dançar.

Dançou quasi exclusivamente com ella toda a noite, como que enlevado pela fascinação singular dos olhos de uma serpente.

Quem faz pouco lisonjeira idéa da serpente, guiando-se pelo que lhe contam d'esse perigoso reptil os viajantes, que nunca o viram senão a um quarto de legua de distancia, commette um erro, que vamos destruir.

A serpente, posta em espiral com o collo erguido, voltando de vagar a cabeça de um para outro lado afim de vigiar o terreno, é uma das coisas mais elegantes que temos visto. Os olhos da serpente são os da mulher seductora: é por isso que aquella nos faz sempre lembrar d'esta! O enlevo que se derrama nos sentidos, quando a serpente nos lança aquelle olhar terno, e tão mentiroso em relação aos instinctos que a dominam é tal, que só ao ver-lhe as ondulações que faz, para formar o salto terrivel, é que nos determinamos a feril-a. Uma e outra, pois, seduzem, e é ali que está a similhaça entre ambas.

Ao estreitar contra o peito Violante, recebeu dos olhos d'ella o maravilhoso enlevo do olhar seductor da serpente. E que Eduardo dera-lhe um abraço mais energico do que a modesta consciencia de Violante julgava ter merecido; mas aquelle expressivo abraço foi como que se Eduardo tivesse querido esmagal-a contra o peito.

Violante era formosa; não desconfiava por tão pouco. Eduardo, tendo-a nos braços, agitada pela dança, e sentindo junto ao peito o brando contacto d'aquelle peito arquejante; tendo sob os seus olhos d'ella, que o fascinavam, pareceu-lhe impossivel, no auge de tão doce enlevo, que estivesse abraçando a causa viva do seu maior desgosto. Assim, passou do desejo de dançar á *vertigem de dançar!* Violante tambem: parecia infatigavel! Eduardo sentia dobrarem-se-lhe as forças. Dava-lhe voltas incriveis, como se pretendesse entontecel-a, aniquilal-a, desfazel-a! Violante, não só se deixava arrebatar, mas, impellido-o, ajudava-o. Era a primeira vez que se viam a *braços*. Todos admiravam aquelle phrenesi, aquelle delirio: parecia que Violante queria fazer cansar Eduardo, e que este premeditava *desmanchar* Violante!

Maria cansou-se de os ver dançar: entonteceu: foi accommettida de terriveis dóres de cabeça. Atirou-se para um sophá n'uma sala deserta, e ali permaneceu o resto da noite.

Eduardo e Violante continuaram a dançar, até que uma senhora, pegando no vestido d'esta, disse: Basta Violante... isso é loucura! Elisa chegou-se a Eduardo, apertou-lhe a mão, e baixo disse-lhe, sorrindo com malicia.

—O meu conselho... o meu conselho... muito havia de eu rir...

E principiou logo a rir muito.

Eduardo aproveitou, para fallar a Maria, um momento em que D. Julia, distrahida, talvez o

julgasse ainda a dançar com Violante, porque todos se tinham habituado tanto a vê-los dançar, que mesmo depois de sentados lhes parecia que passavam ás reviravoltas pelas salas, como dois possessos

—Soffres muito? perguntou Eduardo, sentando-se junto de Maria.

—Agora, menos. Respondeu ella sorrindo. Estás cansado?

—Não...

—Dançaste tanto...

—Quiz mostrar a quem disse que Violante me bania do teu coração, que não acredito nem meia palavra de tudo isso.

—Como se é feliz, quando se é a causa da felicidade de outra pessoa! Murmurou Maria.

—Que queres dizer, querida?

—Que não sabes quanto estimei ouvir-te! Julgavas-me pois destituida de amor proprio a ponto de tolerar a uma amiga que me fallasse em teu desabono? Violante nunca me disse, a respeito d'esta infeliz affeição, senão o que eu mil vezes tenho repetido: que era uma origem de profundos desgostos, alguns dos quaes eu já tenho soffrido com bastante resignação! E quando me accusas de te pedir que interrompessemos a nossa correspondencia, Eduardo, de certo não calculas o peso d'esses desgostos! Seremos tão fracos de espirito, estaremos tão pouco seguros de nós mesmos, que para alimentar este amor precisemos de uma correspondencia vulgar, em que se repetem mil vezes as palavras que não julgo necessario dizer mais de uma, e que eu já tinha dito uma vez para sempre!... Não tens coragem para esperar? Tenho-a eu. Amo-te: esquece-me tu embora, que eu nunca te esquecerei; e quando chegar o momento, se Deus permittir, de arrancar a mascara de indifferença com que disfarço o coração; se o tempo não me tiver tornado mais feia ainda do que já sou...

—Maria! Murmurou Eduardo pegando-lhe na mão. Só te quizera mais energia!... Quem possui uns olhos assim, devia ter uma força de vontade inabalavel! Quizera ver-te sobranceira a tudo, ameaçando esmagar todas as affeições que contrariassem o teu amor...

—Calate querido, calate!... entre as affeições que m'o crimina, ha uma...

—Sei, repetiu Eduardo: bem injusta, por signal! Julgas talvez, Maria, que aborreço tua mãe?... Adoro-a! adoro-a por ella, que é tua mãe: respeito-a pela memoria da minha! Admiro-a pela sua belleza, pelo seu soffrimento, pela poesia que acho em todo o seu viver tão repassado de lagrimas, de que tu deves ser a unica consolação!

—Se ella te ouvisse e acreditasse...

—Não ouve, nem acreditaria. Aquelle temperamento ativo, que tão viva prova nos deu de o ser resignando-se nas desgraças, não cede facilmente, não desce das suas idéas, nem das suas convicções! Em vão lhe teriam posto na frente uma coroa de rainha: o prestigio d'ella não lhe teria dado maior apparencia de firmeza nas crenças, nem de solidez no pensamento. Ai de quem a offendeu!... feliz de quem lhe caiu em graça!...

—Que dizes! offendeste-a?

—Offendi! mas a idéa do accinte estava tão longe de mim como eu estou longe agora da sua affeição!

—Conta-me...

—Vou contar. Não é só no amor que existe o ciúme: nas amizades sinceras, mais do que em outras affeições talvez, ha esse funesto sentimento. Havia muito tempo que tua mãe me recebia mal: João de Sousa, tão familiar como eu, parecia merecer-lhe então mais confiança.

—Ella já desconfiava!... continua.

—Tanto a respeitei sempre, e tão verdadeiro foi sempre este amor, que não me accusava a consciencia de lhe merecer tão mau acolhimento! Uma noite, succedeu que precisando abrir um cofre não sei para que fim, em vão intentou voltar a chave. Enfadou-se: algumas pessoas quizeram abril-o... foi inutil.

—Se aqui estivesse João de Sousa, disse ella, já o cofre estava aberto!

—Mas talvez Eduardo consiga abril-o... Acudiu d'ali alguém.

Tua mãe não disse nada.

—João de Sousa não tarda... Respondi eu, des-

peitado. Seria um grande desgosto partir a fechoria, quando, sem grande esforço, elle conseguiria abrir-a talvez só com a vista. Mas disse isto sorrindo e de certo modo ironico em que bem devia ter-se revelado o ciúme, porque era a expressão d'elle.

O odio de tua mãe, tanto tempo abafado, rebentou enfim! A cada uma das suas palavras incisivas, sentia-me como que impellido para muito longe do seu coração! Ninguém talvez comprehendeu a força de taes palavras: comprehendi eu! ficaram-me bem gravadas na memoria: «No teu caso, és uma das pessoas a quem menos desejo incommodar ou dever obsequios!»

E Deus sabe como estas palavras me feriram! Se crês na bondade do meu coração, Maria; nos nobres sentimentos que o commovem, deves acreditar tambem que não digo de mais, afirmando-te que o odio de tua mãe é a cruz que pesa sobre mim! Só me consola a idéa de a arrastar por amor de ti; mas confesso que em breve, talvez, heide perder esta doce consolação!

Disseste-me que esperasse, que tivesse fé... vulgaridade sem significação para um coração agonizante, ao qual o tempo já não permite esperar nem a agonia ter fé! e que nos seus ultimos gemidos não pede senão ao balsamo de uma lagrima a vida que só ella pode restituir-lhe! Compreendeste, querida, a agonia amarga, o mortal desespero, a saudade contrariada, todas essas grandes e cruéis commoções que Byron imprimiu com o pensamento nas paginas do seu livro? Viste como a desconfiança—qual abutre—dilacerava o peito d'aquelle novo Prometheo?

— Se eu tenho soffrido assim!... murmurou Maria.

— E como elle occultado na mascara gelada da indifferença o segredo das tuas lagrimas e das tuas dôres! mas falta-me a força para fazer outro tanto. Tenho mil vezes sobreposto o scepticismo á idéa d'esse sentimento que me inspiras; e por momentos, vencendo-a... parece-me que tudo acabou de roda de mim! que me desligneei do ceo e da terra... que me entreguei cego ao dominio de paixões alheias; e tenho horror da minha sombra, no meio d'essa triste victoria ganha sobre o coração. Tenho como Byron negado mil vezes o amor; mas o meu coração não deixará d'amar senão quando a morte m'o comprimir com a mão descarnada e gelida. Quizera ao menos ter força para mascarar este sentimento; não tenho: e não me admiro da minha fraqueza. O Vesuvio não esconde o fogo que lhe consome as entranhas!

E quando penso que respondes á anciedade da minha alma com a palavra—espera; que em lugar da lagrima que o meu coração te pede nos paroxismos da morte, como para salvar-se, lhe atiras a palavra—fé... desespero e descreio! Despertado por ti d'aquelle somno mortal a que me entregara, tenho direito a perguntar-te o que queres de mim. Tinha-se-me extinto n'alma a fé; reanimastela: a deves agora satisfazer-a... D'antes não te fallava assim. Podia sem offender-te duvidar do teu amor. Hoje, não: põ-o em duvida, depois do teu procedimento, seria injuriar-te: e porque ligo a esse teu sentimento a minha existencia, Maria, peço-te que não me atormentes mais! E preciso que eu te veja; que te falle; que aperte

muitas vezes a tua mão... Maria!... se eu pudera dar-te um conselho...

— Falla... Eduardo, falla... quero ouvir-te... — Aquella porta... a escada... uma sege que me espera... Vem comigo!

E Eduardo levantou-se. Maria deteve-o pela mão, estremeceu, e sorriu-se depois, em perfeito socego de espirito.

— Eduardo, disse ella, apertando-lhe a mão, e puxando-o para o sophá. Prometteste-me um conselho, e fazes-me uma proposta: já respondo; mas não desisto da promessa. Sabes que te amo; e a tua proposta foi uma prova muito evidente do generoso sentimento com que sabes corresponder-me. Devo eu, porém, para satisfazer o meu coração, esquecer o peso dos trabalhos que terias de arrotar por amor de mim? Se as tuas circumstancias não mudaram, calcula quanto havias de arrependerte depois!

— O calculo!... murmurou Eduardo com desdenhoso sorriso, sentando-se outra vez ao lado de Maria.

— Agora o conselho; continuou ella. Dize-me: seria louvavel aos olhos de Deus abandonar assim minha mãe; dar-lhe mais este desgosto sobre os muitos que já tem soffrido? Que seriamos nós sem a sua protecção, desprovidos de fortuna, entre essa sociedade que talvez se risse com desprezo das nossas loucas afeições?

Continua. ALFREDO HOGAN.

Quem cumprir sempre o seu dever, nunca terá de que se arrepender.

OBRAS DE QUE A. J. F. LOPES É EDITOR, E SE VENDEM NA SUA LOJA,

RUA AUREA N.º 109.

Panorama, semanario de instrução e litteratura, fundado em 1837. Uma collecção de 15 volumes, sendo o preço em papel 22-000 Encadernada..... 27-000	BULHÃO PATO. Amor virgem n'uma peccadora, comedia em 1 acto, 1 vol. 8.º francez. Preço..... 160
Illustração Luso-Brazileira, periodico universal, collaborado por muitos escriptores distinctos. Tem completos dois volumes, sendo o preço d'ambos em papel..... 7-600 Encadernados..... 8-800	A. CEZAR DE LACERDA. A Duplice existencia, comedia em 4 actos, 1 vol. 8.º fr..... 240 A Probidade, comedia em 2 actos e 1 prologo, 1 vol. 8.º fr. J. D'ARMOIM..... 300
Obras completas, colligidas, dispostas e annotadas por I. F. da Silva, e precedidas d'um estudo biographico e litterario sobre o poeta, escripto por Rebello da Silva — 6 vol. em 8.º francez. Preço..... 4-320	A' tarde entre a murta, comedia em 3 actos, 1 vol. 8.º fr..... 240 MENDES LEAL ANTONIO. Poemas, 1 vol. 8.º francez. Preço..... 500 Abel e Cain, comedia em 3 actos, 1 vol. 8.º fr. Preço..... 240 I. M. FEIJOO. Canções do Rocio, comedia em 3 actos, 1 vol. 8.º fr..... 300 A Torre do Corvo, drama em 4 actos e um prologo, 1 vol. 8.º francez, Preço..... 400 E. BIESTER. Um Quadro da vida, drama em 5 actos, 1 vol. 8.º francez..... 380 A Redempção, comedia-drama em 3 actos, 1 vol. 8.º francez..... 360 Duas epocas da vida, comedia em 3 actos, 1 vol. 8.º fr..... 240 Uma viagem pela litteratura contemporanea, 1 vol. 8.º fr. ALFREDO HOGAN..... 200
Reflexões sobre a lingua portugueza — 3 vol. Preço..... 720	As Brazileiras, comedia-drama em tres actos, 1 vol. 8.º fr..... 300 Ninguém julgue pelas apparencias, comedia-drama em 3 actos, 1 vol. 8.º fr..... 360 Os Dissipadores, comedia em 4 actos, 1 vol. 8.º fr..... 400 E melhor não experimentar, comedia em 1 acto, 1 vol. 8.º fr. L. DE VASCONCELOS..... 200 A Cruz, drama em 5 actos, 1 vol. 8.º fr. Preço..... 320 A. ABRANCHES. Sambul, comedia em 3 actos e 9 quadros, 1 vol. 8.º fr..... 300 F. SOARES FRANCO. Sermões, 1 vol. 8.º francez. Preço..... 480 M. JOSE DA ROCHA. Cirurgia e medicina, 1 vol. 8.º francez. Preço..... 360 J. M. ALMEIDA RIBEIRO. Sermão do Santissimo Coração de Jesus. Preço..... 100 MANUEL JOAQUIM BARRADAS. Sermão do Santissimo Coração de Jesus. Preço..... 100 CASIMIRO ABRU. Camões e o Jão, scena dramatica. Preço..... 100 F. A. MARQUES PEREIRA. Rudimentos de economia politica, para uso das escolas, 1 vol. 8.º port. Preço..... 200 F. V. DA SILVA BARRADAS. Adições ao Manual do Taballão, 1 vol. 8.º fr. Preço..... 200 J. MESQUITA DA ROSA. Uma viagem a Inglaterra, Bélgica e França, 1 vol. 8.º port. J. ROMANO..... 120
Enaida de Virgilio, traducção com o texto latino — 3 vol. 8.º francez..... 2-880 O 3.º volume só..... 1-000	29 on Honra e Gloria, comedia de costumes militares em 3 actos, 1 vol. 8.º francez. Preço..... 360 L. PAULINO BORGES. Ensaos poeticos. Preço..... 60 NO PRELO. Os Filhos dos trabalhos, drama em 4 actos, por A. C. Lacerda. O Mentor da mocidade. Memorias do Coração, por Alfredo Hogan. Alva Estrella, por Mendes Leal Junior. Os Brassões das cidades e villas de Portugal, por I. de V. Barbosa. Poemas de H. Van-Deiters..... 160
Natureza das Coisas, poema de Tito Lucrecio Caro, traduzido do original latino para verso portuguez — 2 vol. 8.º O 2.º volume só..... 800	Medicina Legal, por Sédillot, 2.ª edição augmentada de notas, 2 vol. 8.º francez..... 1-200
Fastos da Igreja, historia da vida dos Santos, ornamentos do Christianismo, com censura e autorisação do patriarchado, 2. vol. 8.º francez..... 480 A Mocidade do D. João v., comedia-drama em 5 actos..... 960 Otheilo ou o Moiro de Veneza, tragedia em 5 actos, imitação — 1 vol. 8.º francez. Preço..... 480 MENDES LEAL JUNIOR. Os Homens de Marmore, drama em 5 actos, 1 vol. 8.º fr..... 480 O Homem de Oiro, drama em 3 actos, (continuação dos Homens de Marmore) 1 vol. 8.º francez..... 300 A Herança do Chancelier, comedia em 3 actos em verso, 1 vol. 8.º francez. Preço..... 400 Pedro, drama em 5 actos, 1 vol. 8.º francez. Preço..... 400 A Pobreza envergonhada, drama em 5 actos com prologo, 1 vol. 8.º francez. Preço..... 480 Canticos, 1 vol. 8.º francez. Preço..... 720 ANTONIO DE SERPA. Dalila, drama em 4 actos e 6 quadros, 1 vol. 8.º francez. Casamento e Despacho, comedia em 3 actos, 1 vol. 8.º fr..... 320 F. EVARISTO LEONI. Genio da Lingua Portugueza, 2 vol. 8.º francez. Preço..... 1-800 F. D. D'ALMEIDA E ARAUJO. Chronica da Rainha D. Maria II. Acha-se impresso o 1.º vol. em folio. Preço..... 2-250 LOPES DE MENDONÇA. Memorias de litteratura contemporanea, 1 vol. 8.º fr..... 720 Lições para maridos, comedia em 3 actos, 1 vol. 8.º fr..... 400 L. A. PALMEIRIM. Poemas, 3.ª edição, correcta, 1 vol. 8.º francez. Preço..... 600 Dois casamentos de conveniencia, comedia em 3 actos, 1 vol. 8.º francez. Preço..... 360 Como se sobe ao poder, comedia em 3 actos, 1 vol. 8.º fr..... 400 O Sapateiro d'escada, comedia em 1 acto, 1 vol. 8.º fr..... 160 A Domadora de feras, comedia em 1 acto, 1 vol. 8.º fr..... 160	